



A LEITURA E A (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS  
(THE READING AND THE (RE)CONSTRUCTION OF MEANINGS)

Marlene Durigan (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

**ABSTRACT:** *This work consists on the analysis of a report published at ISTOÉ Magazine. Based on contributions of some Modern Linguistics trends, it emphasizes meaning effects produced by systematic aspects of the linguistic structure.*

**KEY-WORDS:** *Reading; presuppositions; inferences; linguistic structures.*

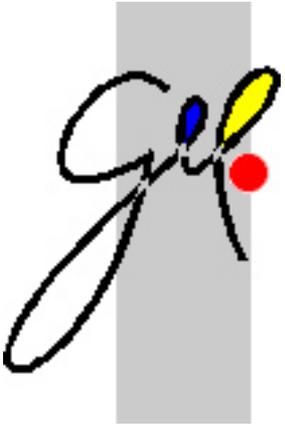
### O. Introdução

O propósito deste trabalho é analisar um texto publicado na *Revista ISTOÉ* nº 1455, de 20-08-1997, sob o título “Lobas e carneirinhos”. Partindo do pressuposto de que ler é uma atividade que amplia o conhecimento e o imaginário do leitor, conduzindo-o a refletir sobre a língua e as relações entre o texto e a ordem social vigente (KLEIMAN, 1997), são enfatizados efeitos de sentido decorrentes de aspectos sistemáticos da estrutura lingüística (planos mórfico, sintático e lexical). As considerações de ordem teórica e o percurso metodológico ancoram-se em contribuições da Análise do Discurso e da Lingüística Textual e Aplicada. A leitura explora pistas textuais, que permitem a re-construção do evento da enunciação ou sua re-produção conforme vivências e experiências (VOGT, 1980). Esses processos exigem que se considerem as situações de produção e de recepção, o plano geral e a tipologia do texto, o conjunto de influências externas, as seleções e combinações operadas, além das intenções daquele que lê e daquele que escreve (cf. INDURSKY e ZINN, 1985), já que no texto se estabelece um jogo de atuação comunicativa (KOCH, 1997).

#### 1. Entre o dizer e o dito: o processo de (re)construção de sentidos

O primeiro contato do leitor com o texto opera-se no sumário: uma foto e a chamada: “VIDA MODERNA: Quarentonas como a cantora Elba Ramalho quebram tabus e assumem romances com garotões”. Produzido por Clarisse Meireles e Luisa Alcalde, o texto ocupa duas páginas, traz ilustrações e um *lead*: “Sem medo de preconceito, mulheres maduras assumem romances com homens mais jovens”. Considerando a coexistência de material verbal e não verbal, o pré-texto, os textos visuais, o *lead*, a seção em que se insere a matéria e a recorrência de traços semânticos pertinentes a seres humanos, constata-se que não se trata de uma fábula.

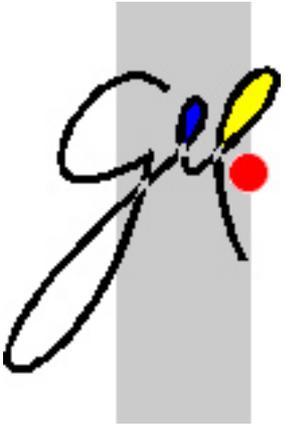
Uma primeira leitura garante a expectativa do leitor: o texto faz referência a relacionamentos marcados por diferença de idade e apresenta-se como uma produção de natureza expositivo-argumentativa, trazendo comentários quanto ao processo de



liberação feminina, argumentos por provas concretas (relatos de experiências) e argumentos de autoridade acerca das origens do “fenômeno”. São sete as experiências relatadas, das quais apenas a última - na seqüência imposta pelas autoras - fracassou. A conclusão principia com um comentário acerca do relevo assumido por esse tipo de relacionamento na TV e desenvolve-se por exemplificação. A despeito dessas marcas, que conduziriam a uma leitura em favor do feminismo, não há apenas uma interpretação inscrita no texto: a enunciação encaminha a outro “plano de sentido” (FIORIN e SAVIOLI, 1996): a visão preconceituosa das enunciantoras, que desemboca num contraste entre os universos masculino e feminino.

Comecemos pelas estruturas lingüísticas “quarentonas” e “garotões” / “lobas” e “carneirinhos”. No primeiro par, o aumentativo sugere aproximação, porém os lexemas criam oposições e acentuam diferenças: em “quarentonas”, a ênfase à idade; em “garotões”, à juventude. Já os sufixos não são usados para acentuar dimensões, o que conduziria a uma possível (e discutível) flexão de grau (em “quarentonas”, há derivação: mudança de classe gramatical e de sentido). O conjunto das relações textuais destaca valores diferentes: para o masculino, é “valorizador, salientando a solidez, a força, um atributo admirável” (MARTINS, 1989:115); no feminino, reveste-se de sentido depreciativo (avaliação negativa). Ressalta-se a força expressiva dos sufixos, nos quais “a descarga de paixões se dá com maior energia” (LAPA, 1975: 105). Quanto ao segundo par, tanto no plano mórfico, quanto no léxico-semântico, as diferenças acentuam-se. Opõe-se grau normal a grau diminutivo e cria-se uma relação de oposição que o conector “e” (em princípio responsável por uma relação conjuntiva) apenas camufla. O conectivo de propósito generalizante, que “dá ao receptor a opção de escolher a interpretação que lhe pareça mais conveniente no contexto” (PINTO, 1994: 131), cria uma aparente relação de harmonia que não se sustenta na leitura global do texto: os nomes sobre os quais se estrutura o título ativam nossa memória textual, permitindo inferir-se que se vai insinuar uma relação de poder ou de oposição, uma vez que os primeiros textos que se nos apresentam para o diálogo são a fábula de La Fontaine e o conto de Perrault, em cujas histórias se constrói a imagem do lobo como enganador e mau e do cordeiro e Chapeuzinho Vermelho como frágeis, puros; qualidades exploradas pelo lobo (nas histórias) e pelas autoras (quando escolhem o sufixo *-inho* para acentuar o valor afetivo já contido no lexema).

Os lexemas evocam para o diálogo a voz dos dicionários e a dos mitos, em que “lobo” surge revestido de conotações de poder, ao passo que “carneiro” apresenta-se com os semas não-poder, fragilidade, bondade. Metaforicamente, associado aos traços “humano” e “macho”, “lobo” aplica-se ao homem não muito jovem que “assedia mulheres apenas para usá-las para seu próprio prazer”; “carneiro” surge como “que tem carne, passivo, sofredor, obediente”, mas também como “ardente, macho, instintivo, símbolo da força genésica que assegura a recondução do ciclo vital” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988), sentidos que se encaixam no texto e justificam a não-escolha de “cordeiro”, por assumir conotações religiosas (‘imaculado’, ‘vítima sacrificável’). Já o feminino “loba” incorpora valores que se aproximam do conceito de encarnação do desejo sexual; imagem recorrente e manifesta pelos sintagmas “poder libidinal”, “exercer a libido”, “sexo”. Ressalte-se que o termo “loba” já foi empregado como



sinônimo de “meretriz velha” (de onde, possivelmente, a expressão “idade da loba”). Quanto à mitologia, a voz que ecoa no texto é a da Loba de Marmoliceu, ama-de-leite de Aqueronte, usada como ameaça às crianças e sugerindo poder.

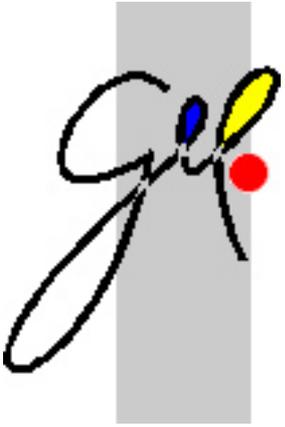
Menos preconceituoso, surge o *lead*: “Sem medo de preconceito, mulheres maduras assumem romances com homens mais jovens”. Anteposta, a frase que modaliza todo o enunciado parece acentuar a ousadia das mulheres e sua capacidade de enfrentar os preconceitos, permitindo ao leitor inferir o modo como a instância enunciativa concebe o fato; todavia a construção abriga o pressuposto de que há discriminações quanto ao tipo de relacionamento discutido no texto. Posposta, representaria o modo como o processo ocorre. Importante destacar, também, a considerável diferença entre “quarentonas” e “mulheres maduras”, de um lado; “garotões” e “homens mais jovens”, de outro. “Mulheres” e “homens” surgem diferenciados apenas pelo sexo; “maduras” reveste-se de conotações positivas, apesar de ainda deixar a marca de “que já não é moço”; “garotões”, por sua vez, substitui-se por “homens mais jovens”. O mecanismo da substituição favorece a progressão do texto, mas opera como uma ruptura: os sentidos negativos criados no sumário e implícitos no título parecem desfazer-se ou atenuar-se, mas o título é ambíguo: tanto pode remeter à relação de poder, quanto à de maldade, se analisado pela perspectiva daqueles para quem o herói representa o “bem”.

A introdução do texto traz de volta os sentidos anteriormente criados:

“Trocar uma mulher de 40 anos por duas de 20 é uma antiga piada machista. Relacionamentos marcados por uma grande diferença de idade entre os parceiros não são, de fato, uma novidade no universo masculino. Só que agora, as quarentonas, em plena idade da loba, saíram da toca e estão se permitindo viver os prazeres de uma relação com rapazes bem mais novos.”

Este é um enunciado do tipo situacional (PINTO, 1994), cujos conteúdos reproduzem o universo de referência: o enunciador assume a responsabilidade sobre a (pres)suposta verdade enunciada, conduzindo o leitor a aceitá-la, conforme se atesta na força argumentativa do operador “de fato”, acentuada pelo emprego do presente do indicativo, com valores modais (verdade absoluta) e aspectuais (frequência e duração), que se confirmam na perífrase de gerúndio. O discurso revela um saber e tende a uma impessoalização, apresentando as evidências como compartilhadas pelos leitores. Destaca-se o emprego do infinitivo como núcleo do sujeito, produzindo dinamismo e noções de interação, bem como o sentido do lexema de “trocar” (aplicado a mulher), cujos semas seriam compatíveis com objetos não humanos e não animados. Os recursos lingüísticos orientam para o tipo de conclusão que a enunciação deseja: assinalam a força ilocutória do enunciado e criam no interlocutor o “dever de crer”.

Também merece relevo a construção de natureza passiva que funciona como sujeito do segundo período, em que o núcleo, dinâmico, subordina-se, semanticamente, a um agente estático, representado, lingüisticamente, pelo núcleo “diferença”, lexia em torno da qual são construídos os sentidos do texto. Ressaltem-se os adjuntos que modalizam esse substantivo, enfatizados, no primeiro período, pelos números, e



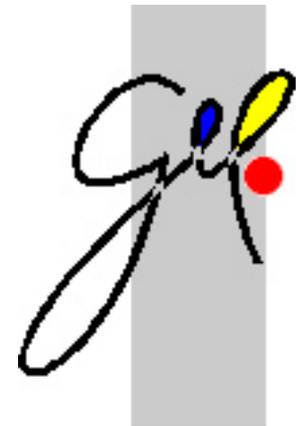
reforçados, neste, pela natureza do lexema do adjetivo e pela anteposição, além da recorrência do substantivo “quarentonas”, que surge em contraste com “rapazes bem mais novos”. Observe-se também a dupla intensificação do adjetivo, acentuando a idéia da diferença de idade. Finalmente, há os conteúdos semântico-ideológicos de “piada” e “machista”, povoando o texto de conotações negativas e sugerindo confrontos.

Analisando as metáforas zoomórficas “idade da loba”, “saíram da toca” e a perífrase “estão se permitindo”, infere-se, subjacente à noção de poder fazer, a avaliação negativa (permissividade), que se vai confirmar adiante no comentário apresentado à fala de uma das entrevistadas. Ressalte-se o tipo de articulador escolhido (“só que”) e o fato de ser precedido de ponto (fortalecendo a noção de quebra de expectativa). Trata-se de um juízo intelectual avaliativo, embora não lexicalizado, sugerindo uma relação entre oportuno x inoportuno; normal x anormal; dados que se podem inferir, também, a partir dos sentidos que a expressão “em plena idade da loba”, anteposta ao verbo, evoca. Se o conector for concebido como um relator de contrajunção, prevalecerá o argumento por ele introduzido, destacando um outro sentido: uma avaliação positiva da “reação” feminina aos valores masculinos. Esta leitura não se sustenta, porém, na seqüência, mesmo que se queira orientá-la para a conclusão de que, assim como os homens usam as mulheres, elas também podem fazê-lo, como se sugere no comentário sobre Elba Ramalho: “Ela prefere garotos. Depois de Maurício Mattar, a vez do modelo gaúcho.” Ali, apesar de sugerir-se que ela pode escolher e trocar quando quiser, constrói-se também uma imagem negativa da cantora: a daquela que escolhe suas “presas”, que troca de parceiro, conotando promiscuidade.

O percurso de argumentação constrói-se com a evidência das provas: argumentos de autoridade, ilustrações, números, exemplos; porém desencadeia-se, no texto, outro plano de sentido:

No mundo artístico não faltam exemplos. A atriz Renata Sorrah, 48 anos, assumiu recentemente o namoro com o também ator André Gonçalves, 20 anos. A expressiva diferença de idade não causa constrangimentos à intérprete da cafetina Zenilda, da novela [...]. Tanto é que o casal é visto sem disfarces na noite do Rio. Esse desprendimento é natural para mulheres de sucesso [...] Bem sucedidas profissionalmente e donas de uma recheada conta bancária, essas senhoras estão se dando o direito de exteriorizar o próprio desejo por um corpo jovem [...]. Foi assim com a atriz Suzana Vieira, 50 anos, casada há 11 anos com Carson Gardeazabal, 15 anos mais novo. ‘Continuo bela, com sex-appeal e, como não preciso de homem para me sustentar, me dou o desfrute de amar e de beijar na boca quem eu quero’, afirma, sem nenhum pudor. Menos explícita, a cantora Daniela Mercury assumiu há seis meses o namoro com o estudante [...] Marcelo Porciuncula, 25 anos.

O processo de progressão textual, garantido pela colocação por contigüidade semântica e desencadeado pelo sintagma “mundo artístico”, cria um sentido de



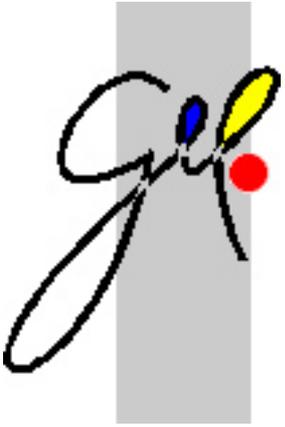
representação, já esboçado no *lead*, pela forma “romances”: “descrição exagerada ou fantasiosa; enredo de coisas falsas”; ou, na acepção do texto, “caso”; ou, ainda, uma espécie narrativa caracterizada pela ficcionalidade, fundada na colocação ilocutória do autor para construir um texto na base de uma atitude de fingimento (REIS e LOPES, 1988:43-46); sentido que se reitera em “atriz”, “ator”, “intérprete”, “novela”.

Observem-se, ainda, os valores de “expressiva”, “não causa constrangimentos”, “cafetina”, “sem disfarces”, “sem nenhum pudor” e a pontuação que precede este último enunciado, marcando claramente a presença do enunciador: se a construção fosse apenas o circunstante de “afirma”, não seria precedida da vírgula. A escolha dos operadores permite referências diferentes: de um lado, remete à coragem de assumir; de outro, ao ridículo da situação, sentido que se acentua em: “Esse desprendimento é natural para mulheres de sucesso”. Isso se confirma na seqüência, onde, além da anteposição da causa presumida, são deixadas outras marcas reveladoras: “Bem sucedidas profissionalmente e donas de uma recheada conta bancária”. A anteposição da oração causal, com a opção pela forma reduzida, ao mesmo tempo camufla e acentua os elementos que figurariam como motivos centrais desses relacionamentos. Acentua, porque se antepõe; camufla porque surge sem articulador. Ressalte-se o sarcasmo (explícito em “essas senhoras”, mas disfarçado pela voz do outro) e a avaliação negativa em “sem nenhum pudor” e “menos explícita”.

As autoras fazem o texto progredir, comentando mais uma relação bem sucedida - agora alheia ao mundo artístico - e começando a “preparar” o leitor para a conclusão: relatam a experiência frustrada de uma pedagoga paulista com um rapaz “20 anos mais novo”, assim introduzida: “Os temores não são infundados e a falência de várias relações mostra que não é fácil administrar no dia-a-dia as diferenças.” Embora tenham comentado apenas um caso do mundo não artístico e apenas uma relação mal sucedida, envolvendo uma pedagoga (que não teria “recheada conta bancária”), o enunciado surge como onticamente factual, sob a aparência de evidências comuns. Isto se atesta pelo uso do presente do indicativo e do plural, que permitem ao enunciador um considerável distanciamento em relação aos enunciados.

Do real factual, chegam ao mundo ficcional, realçando o relevo que têm assumido, nas novelas de TV, os relacionamentos marcados por diferença de idade. O exemplo citado é o de Rodrigo Santoro, que representou personagens masculinos que se apaixonavam “por uma balzaca”. Além das conotações negativas que assume a redução, em “balzaca”, o enunciado que segue também é modalizado negativamente pela anteposição do argumento “diferença de idade” e pela escolha do articulador, tornando o conteúdo do argumento mais relevante que o seguinte: “Além da diferença de idade, o namoro provocou polêmica por Santoro ser disputado por mãe e filha na trama”. O texto encerra-se com o retorno à “vida real”, em que “ele namora a modelo Luana Piovani, de 20 anos, e garante que nunca flertou com mulheres mais velhas”.

A conclusão é conduzida: do caso real, fracassado, passa-se por dois fracassos na TV, chega-se ao “real”, destacando-se a vida de Santoro, como se as autoras dissessem à leitora ou às mulheres “mais velhas”: não se iluda(m); fora da vida real, eles desempenham papéis; na vida real, querem mulheres jovens. Assim, após transitarem pelo mundo fantástico, via linguagem fabular, aliado ao das representações, trazem à



tona o mundo real, onde, apesar dos traços que caracterizam o novo universo feminino, às mulheres maduras parece não ser outorgado o direito de se apaixonarem por homens mais jovens.

#### Considerações finais

A análise de marcas lingüísticas, fundada em conhecimentos prévios e pressupostos, autorizou a inferir-se a visão preconceituosa das autoras. As configurações modais, temporais e aspectuais adquiriram contornos e conotações advindas das estruturas sintático-semânticas utilizadas pelas produtoras do texto, ratificando a temática proposta, adequando-se aos diferentes segmentos informativos e revelando intenções e pressupostos, valores socioculturais e ideológicos. Um percurso de leitura, mesmo que se realize pela desmontagem dos fios que o texto entrelaça e oferece ao processo de recepção, situado entre o dizer e o dito, não consegue preencher os vazios do texto. Assim, esta foi uma das leituras possíveis, subordinada a valores individuais e socioculturais, que não serão os mesmos para outros leitores.

**RESUMO:** Este trabalho consiste na análise de uma reportagem publicada pela *Revista ISTO É*. Baseado em contribuições de algumas correntes da Lingüística Moderna, enfatiza efeitos de sentido produzidos por alguns aspectos sistemáticos da estrutura lingüística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; pressupostos; inferências; estruturas lingüísticas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- FIORIN, J.L. e SAVIOLI, F.P. *Lições de texto*. São Paulo: Ática, 1996.
- INDURSKY, F. e ZINN, M.A.K. Leitura como suporte para a produção textual. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 5-6, p. 77-96, 1985.
- KLEIMAN, A. Leitura e gramática. In: *Proleitura*. UNESP, nº 6, p. 6, 1997.
- KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LAPA, M.R. *Estilística da língua portuguesa*. 8. ed., Coimbra: Almedina, 1975.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz: EDUSP, 1989.
- PINTO, M.J. *As marcas lingüísticas da enunciação*. Rio de Janeiro: Numen Ed., 1994.
- REIS, C. e LOPES, A.C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- MEIRELES, C. e ALCALDE, L. Lobas e carneirinhos. *Revista ISTOÉ*. São Paulo, nº 1455, p. 96-7, 20 ago. 1997.
- VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.